

12^A CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE CINEMA

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE VIANA DO CASTELO

XXIII ENCONTROS DE
CINEMA
VIANA 02 A 14 MAIO 2023

2 A 5 MAIO 2023

PROGRAMA

MAIO 2 . TERÇA-FEIRA

11H00 - 13H00

> Online > Mesa 1

14H00 - 16H00

> Online > Mesa 2

MAIO 3 . QUARTA-FEIRA

10H30 - 11H00

Auditório > PALESTRA INAUGURAL

14H00 - 14H30

Piso 0 > EXPOSIÇÃO

14H30 - 16H30

Auditório > MESA 3 > FOTOGRAFIA E MEMÓRIA

14H30 - 16H30

Sala 11 > MESA 4 > CIÊNCIA: ARTE, CIÊNCIA E CULTURA

MAIO 4 . QUINTA-FEIRA

10H30 - 12H30

Auditório > MESA 5 > CINEMA E ESCOLA

10H30 - 12H30

Sala 11 > MESA 6 > CIÊNCIA: ARTE, CIÊNCIA E CULTURA

14H00 - 16H00

Auditório > MESA-REDONDA > CINEMA . EDUCAÇÃO . COMUNIDADES

17H00 - 18H00

Auditório > APRESENTAÇÃO DE LIVRO > GROSSES KINO

MAIO 5 . SEXTA-FEIRA

10H30 - 12H30

Auditório > MESA 7 > CIÊNCIA: ARTE, CIÊNCIA E CULTURA

14H00 - 16H30

Auditório > SEMINÁRIO > WORK IN PROGRESS

17H00-18H30

> Auditório > ENCONTRO DE PROFESSORES - CINEMA E ESCOLA

Palavras-chave

Fotografia, memento mori, álbum de família, memória, arte

Resumo

No presente ensaio focaremos a nossa reflexão em torno do conceito de “arquivo” e do seu potencial nas artes visuais, cinema e fotografia. Deixamos nota, que partimos do pressuposto de que o “arquivo” desempenha, muitas vezes, o propósito de servir como “ponto de partida” para o desenvolvimento de projetos criativos. Neste contexto, procuraremos compreender em que medida a composição do “arquivo”, através dos seus diferentes elementos: documentos, imagens fotográficas e fílmicas, se constitui matriz que potencia a produção artística, tal como, no domínio das artes plásticas, das artes visuais e das artes de palco. Em particular o nosso olhar será direcionado à relação do “arquivo”, como espaço onde habita a memória, com a fotografia, como forma de registo no passado e no presente.

11.

A Fotografia enquanto uma nova molécula do ADN genético

Adriana Baptista

uniMAD | ESMAD/P. Porto

mab@esmad.ipp.pt

Professora na ESMAD/P. Porto de Unidades Curriculares como Semiótica e Metodologias de Investigação em Comunicação Audiovisual. Doutorada em Psicolinguística/Leitura de Texto e Imagem e investigadora em Literacia Verbal e Visual na uniMAD (Unidade de Investigação da ESMAD) e no CLUL da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Felícia Oliveira

ESMAD/P.Porto

Mestranda na ESMAD/P. Porto em Comunicação Audiovisual/Fotografia e Cinema Documental.

Palavras-chave

arquivo, registo, ícone, índice

Resumo

Partindo de um projeto de fotografia sobre os documentos/objetos que a Roda do Porto designa como os Sinais da Roda, pretendemos discutir a forma como a produção fotográfica, partindo do arquivo e do registo, pode criar uma nova realidade de retrato biográfico de onde a personagem está ausente e onde a estrutura rizomática da genealogia se mostra como um dado inequívoco de que o que se vê ultrapassa o que se mostra. Assumimos que o fotógrafo tem a capacidade de dar uma nova vida aos sinais que repousam no arquivo, criando uma genealogia emocional. Falando da fotografia como registo e como documento, Miriam Manini afirma que o caminho para a informação, necessita da contextualização sem a qual a informação não fará sentido, mas “o contexto aciona toda uma rede semântica que vai conectar outros fios em sua malha para produzir mais alcance do conhecimento assim obtido.” Ora, esta malha de contextualização na leitura visual, sem a seleção pelo produtor de imagens e pelo seu leitor do que se quer que se veja e do que se quer ver e não do que se mostra, pois tal como Manini diz “qualquer detalhe que se privilegie terá uma série de seus pares preteridos, já que qualquer indexação é seleção.” Sabendo o quanto a fotografia de arquivo, pretende superar a iminente ação do tempo na durabilidade do documento arqueológico, apondo o hoje ao ontem, podemos afirmar que a fotografia do documento arquivado também pode trazer uma luz diversa do hoje valorizando mais o índice (que quem a vê escolhe para pensar na genealogia de quem mostra) do que o próprio documento? Sabendo o quanto a fotografia pode registar o objeto tal como é, podemos acreditar que mesmo fazendo-o, trabalhando sobre a materialização pela topicalização de um detalhe, aumenta a capacidade de pensar sem tocar? Trabalhando a fotografia sobre objetos catalogados e indexados a partir dos dados genealógicos da peça disponíveis, pode a fotografia aumentar o seu valor real, paratextual e histórico?